

REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 22 – Número 43 – Jun / 2021

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)
ISSN 2526-4303 (ON LINE)

REINO DE DEUS: UMA ANÁLISE A PARTIR DE MARCOS 9.33-37

*Silvio Oliveira da Silva
Dr. Claiton André Kunz*

ISSN 1676-0131 (IMPRESSA)
ISSN 2526-4303 (ON LINE)
JUNHO / 2021

REINO DE DEUS: UMA ANÁLISE A PARTIR DE MARCOS 9.33-37

Kingdom of God: an analysis from Mark 9.33-37

Silvio Oliveira da Silva¹
Dr. Claiton André Kunz²

-
- 1 Graduado em Educação Física pela Universidade Salgado de Oliveira e aluno do Mestrado Profissional em Teologia da FABAPAR. E-mail: silteledfisica@gmail.com
 - 2 Mestre e Doutor em Teologia. Professor do Mestrado Profissional da FABAPAR e diretor da Faculdade Batista Pioneira. E-mail: claiton@batistapioneira.edu.br

RESUMO

O artigo propõe uma análise do Reino de Deus a partir da perícopes de Marcos 9.33-37. Para tal proposta, é utilizado o caminho teórico-metodológico da pesquisa bibliográfica, que utiliza os materiais já elaborados e sistematizados, como livros e artigos científicos. O texto sagrado a ser analisado traz um substancial ensino sobre alguns valores do Reino de Deus. É fundamental que os discípulos de Cristo de todas as épocas estejam atentos aos princípios contidos no Reino celestial e, assim sendo, busca-se contribuir com um exame claro e objetivo da delimitação proposta.

Palavras-chaves: Reino. Jesus. Discípulos. Servir. Criança.

ABSTRACT

The article proposes an analysis of the Kingdom of God from the pericope of Mark 9.33-37. For such proposal, the theoretical-methodological path of bibliographic research is used, which uses the materials already elaborated and systematized, such as books and scientific articles. The sacred text to be analyzed brings a substantial teaching on some values of the Kingdom of God. It is essential that Christ's disciples of all ages be attentive to the principles contained in the celestial Kingdom and, therefore, we seek to contribute to a clear and objective examination of the proposed delimitation.

Keywords: Kingdom. Jesus. Disciples. Serve. Kid.

INTRODUÇÃO

A perícopes de Marcos 9.33-37 é composta por uma interrogação essencial no que tange aos valores do Reino de Deus (Mc 9.33), por um silêncio que demonstrava o contraste entre os princípios do Reino e os entranhados nos doze (Mc 9.34),

por um paradoxo apresentado por Cristo (Mc 9.35) e pela utilização de uma criança como ilustração para ratificar a compreensão dos discípulos a respeito dos valores do Reino celestial (Mc 9.36-37). Tendo em vista a proposta do artigo, de maneira inicial, é analisada a pergunta feita por Jesus aos doze. Em seguida, é exposto o contrassenso proposto por Jesus, a fim de elucidar quem é o maior no Reino dos céus. Por fim, é realizada uma análise sobre a figura da criança utilizada por Jesus e os valores do Reino de Deus.

1. UMA PERGUNTA NECESSÁRIA SOBRE O REINO DE DEUS

Por dezesseis vezes está presente no Evangelho de Marcos³ a palavra Reino. Essa é a tradução do termo grego *basileia*⁴ e possui o sentido de identidade nacional ou de uma extensão territorial dominada por um rei. Além disso, tal palavra está ligada tanto ao governo quanto à autoridade, tendo em vista uma perspectiva de soberania real. Na perícopes de Marcos 9.33-37, a reflexão proposta por Jesus não é a respeito do reino de homens, mas no que tange a expressão *basileia tou theou* que remete ao Reino de Deus.

No que diz respeito ao Reino de Deus, as Escrituras Sagradas apontam para o mistério do Reino (que não se pode tocar), sobre a inauguração do Reino (o Reino invadindo a história humana), sobre a dimensão do Reino (daqueles que são acrescentados ao Reino) e sobre a consumação do Reino (que ocorrerá

3 O presente artigo não propõe uma análise meticolosa sobre o Evangelho de Marcos. Sobre o conteúdo, subdivisão, material exclusivo, autenticidade, autoria, estrutura, características, peculiaridades e finalidade de Marcos, há um elucidativo estudo em: MAUERHOFER, Erich. Introdução aos Escritos do Novo Testamento. Traduzido por Werner Fuchs. São Paulo: Vida, 2010, p. 118-160.

4 No que se refere ao termo *basileia*, Strong acrescenta que tal vocábulo é utilizado, também, para apresentar o poder real de Jesus como o Messias triunfante e o poder real e da dignidade conferida aos cristãos no Reino do Messias. Ver mais sobre em: STRONG, James. Nueva Concordancia Strong Exhaustiva de la Biblia. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002, p. 1246.

no fim dos tempos). O principal significado do Reino de Deus aponta tanto para o domínio de Jesus na vida de cada discípulo quanto para o domínio redentor da humanidade, libertando os seres humanos do poder do mal e oferecendo as bênçãos de Deus a todos aqueles que se rendem a sua graça. Sobre o Reino de Deus, Kunz escreve:

O Reino de Deus é o domínio redentor de Deus, ativo dinamicamente, visando estabelecer seu governo entre os homens e que este Reino, que aparecerá como um ato apocalíptico na consumação dos tempos, já entrou para a história humana na pessoa e missão de Jesus com a finalidade de sobrepujar o mal, de libertar os seres humanos do seu poder e propiciar-lhes a participação das bênçãos da soberania de Deus sobre suas vidas. O Reino de Deus envolve dois grandes momentos: cumprimento no cenário da história humana e consumação ao fim da história.⁵

16

Neste Reino de Cristo, há um Rei servo, que busca, que convida, que habita, que ensina, que salva e que julga. Para Ray Stedman, Marcos é o evangelho do Servo, pois destaca que o Filho do Homem veio para servir.⁶ No que tange ao contraste entre os ensinamentos do servo Jesus e as motivações dos doze, Hernandes Dias Lopes, relevante teólogo presbiteriano, destaca que o Criador estava indicando o seu esvaziamento e humilhação em favor dos pecadores, mas os seus discípulos estavam cheios de vaidade discutindo sobre qual deles era o maior.⁷

Em Marcos 9.31, Jesus está expondo aos seus discípulos que Ele passaria sofrimentos, pois seria entregue nas mãos de homens que o matariam. O texto de Marcos 9.33-37 aponta que os discípulos, de maneira incongruente ao ensino anterior de Cristo, apresentavam categorias de pensamento que expunham o desejo de

5 KUNZ, 2014, p. 40-41.

6 STEDMAN, 1997, p. 36.

7 LOPES, 2012, p. 436.

suas autopromoções contrárias ao panorama do Reino de Deus.⁸ Tendo em vista tal discrepância, Jesus traz uma relevante exposição sobre um princípio do Reino celestial: no Reino de Deus, aquele que deseja ser o maior, será servo de todos.

O ensinamento do Mestre dos mestres estava partindo de uma discussão entre os doze, que aconteceu durante a caminhada deles em direção a uma casa que ficava em Cafarnaum. Jesus sabia que a temática das posições e hierarquias era comum naquela sociedade e tratou, de maneira adequada, o assunto. Esse assunto também é frequente nos dias atuais e, portanto, faz-se necessária uma apropriada reflexão. Ao realizar uma análise sobre Marcos 9.33-37, Kunz destaca:

O tema da hierarquia, sobre posições e vantagens, aparece não raras vezes no decorrer dos evangelhos. Devido à inconformidade deste tema com o caráter que Jesus queria imprimir em seus discípulos, o Mestre planejou um tratamento muito especial e apropriado para o assunto.⁹

Os discípulos de Jesus em suas vidas diárias deparam-se com situações de escolhas e em algumas delas conseguem optar por aquela que é apropriada para um filho de Deus, já em outras falham ao escolher. No caminho para Cafarnaum, os doze estavam escolhendo o caminho da ganância, em vez do servir. Discutiam sobre a autopromoção, em vez do auto sacrifício. Cristo conhecia a motivação dos doze e fez uma pergunta que mexeria com a estrutura de pensamento deles a respeito do Reino de Deus e do servir ao próximo: “De que é que discorreis pelo caminho?”¹⁰

A discussão sobre as posições hierárquicas era frequente nos tempos do Novo Testamento e, também, é nos dias atuais.

8 Este artigo não visa discutir com abrangência as definições do Reino de Deus. Há um relevante estudo sobre o Reino de Deus em: KUNZ, Claiton. As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus. Curitiba: ADSantos, 2014, p. 35-41.

9 KUNZ, 2018, p. 157.

10 Tal pergunta pode ser notada em Marcos 9.33.

Naquele tempo, os rabinos discutiam quem seria o maior na era vindoura; hoje, muitos religiosos disputam quem é o maior na sua geração. O assunto é complexo e, portanto, Jesus prepara um lugar e tempo para ensinar os doze sobre tal conteúdo. A conversa em um lugar mais separado e com a privacidade necessária inicia com uma interrogação provocante que estremeceu a maneira de raciocinar dos discípulos.

No caminho a Cafarnaum, pensavam sobre o poder, mas a partir da pergunta de seu Mestre seriam conduzidos ao serviço sagrado. De acordo com Adolf Pohl, o Evangelho de Marcos apresenta quatorze perguntas feitas por Jesus aos seus discípulos. Acrescenta, ainda, que as interrogações do Mestre possuem um tom de censura aos seus aprendizes, com exceção de Marcos 8.27,29.¹¹ Ao analisar o texto, nota-se que a pergunta que o Salvador faz aos seus discípulos em Marcos 9.33 é direcionada ao fundamento da discussão entre os discípulos: a aspiração de ser o maior ou o primeiro.

As perguntas que o Mestre faz são capazes de levar os seus discípulos a uma profunda reflexão de suas vidas e, portanto, o aprendiz de Cristo deve estar atento a elas. De fato, as interrogações de Jesus, como esta realizada em Cafarnaum, abalam estruturas de concepções fundamentadas neste mundo e são, dessa forma, desafiadoras. Pohl expõe que a pergunta realizada por Jesus estava confrontando os doze a corrigir as suas motivações e retificar as suas condutas.¹²

Por vezes, Jesus faz perguntas aos seus discípulos, levando-os a uma intensa reflexão sobre os seus princípios. Estas interrogações são frequentes nos ensinamentos de Cristo. Em Marcos 9.33, “De que é que discorries pelo caminho?”, é uma

11 POHL, 1998, p. 282.

12 POHL, 1998, p. 37.

pergunta retórica característica das ações parabólicas¹³ de Jesus, isto é, ensinamentos mediados por ações que possuem comentários ou explicações. Tal maneira de ensinar de Jesus era apropriada para abordar assuntos difíceis, como o de quem seria o maior ou o primeiro no Reino de Deus.

O Rei da glória estava preparando os seus discípulos para abordarem posteriormente a difícil temática do servir uns aos outros com outros cristãos que seriam ensinados por eles. Jesus, de maneira imperativa, convoca os seus aprendizes a fazer discípulos em todas as nações e ensinar o que Ele lhes havia ordenado (Mt 28.19-20). Tendo em vista este imperativo, um princípio que os doze não poderiam deixar de instruir aos posteriores discípulos de Cristo era o do serviço sagrado. A interrogação feita por Jesus aos seus discípulos em Cafarnaum seria tanto um marco em seus pensamentos quanto uma chave para abordar posteriormente a temática.

De acordo com Marcos 9.34, após a pergunta feita por Jesus, os doze guardaram silêncio.¹⁴ Esse aponta para a robusta dificuldade que a temática de ser o maior em termos terrenos traz as categorias de pensamento do ser humano. Apesar dos doze estarem em contínuo contato com os ensinamentos e práticas do Rei do Reino, havia neles um substancial desejo de grandeza, projeção e preeminência num possível reino terreno.

Para Lopes, “essa distorção teológica dos discípulos perdurou até mesmo depois da ressurreição de Jesus”.¹⁵ Juan Mateos

13 O presente artigo não visa elucidar toda a abrangência das ações parabólicas contidas nas Escrituras Sagradas. Há uma ampla análise sobre a definição, uso, propósito, característica, forma, historicidade, intencionalidade e interpretações das ações parabólicas em: KUNZ, Claiton André. As ações parabólicas de Jesus no Evangelho de Marcos. Curitiba: ADSantos, 2018, p. 17-65.

14 A temática de quem seria o maior no Reino de Deus é exposta, além do evangelho de Marcos, tanto em Mateus quanto em Lucas, ou seja, o assunto é abordado pelos sinóticos. De maneira sumária, uma harmonia entre os textos indica que os discípulos estavam afligidos por culpa e percebendo após serem interrogados que Jesus sabia o assunto discutido, perguntaram ao Mestre quem seria o maior no Reino de Deus. Sobre tal harmonização entre os textos, Claiton Kunz analisa e indica que “esta forma de estruturação literária que Marcos faz do episódio não apresenta, portanto, incompatibilidade interna ou com os demais relatos do mesmo fato pelos outros evangelistas”. Ver mais sobre em: KUNZ, 2018, p. 164-165.

15 LOPES, 2012, p. 436. Tal fato pode ser notado em Atos 1.6.

e Fernando Camacho, ao analisarem a discussão dos discípulos no caminho a Cafarnaum, apontam que o cerne da discussão estava em descobrir quem deles possuía o maior *status* no grupo.¹⁶ Nota-se que a motivação dos discípulos indica soberba e altivez. O livro de Provérbios adverte que a soberba conduz à ruína do homem e a altivez guia o indivíduo para a queda.¹⁷

Os discípulos, ao discutirem sobre quem seria o maior, já conheciam o posicionamento de Cristo. Embora conhecessem, ainda sim discutiam. Eles estavam cheios de ganância. Queriam estar inseridos em um reino em que pudessem ser, de fato, servidos. Queriam os primeiros lugares e uma posição de autoridade. O desejo de seus corações não era compatível com os ensinamentos de Jesus. Esse sabia que tais intenções eram destrutíveis, contrárias e difíceis de serem deixadas pelos seus discípulos. Além disso, o prévio silêncio demonstra que não queriam deixar esta ideia porque tal atitude significava abrir mão de ser, aos “olhos” do mundo, alguém importante ou com direito de ser servido.

O silêncio dos doze realça a intenção de ser o maior, o desinteresse em mudar de ideia, a obsessão pelo poder e a significativa dificuldade de fundamentar a vida no serviço sagrado. Em Cafarnaum, o Senhor encarnado confronta os valores terrenos entranhados nos doze. Segundo Lopes, “os valores do Reino de Deus estão em flagrante oposição aos valores do mundo. No Reino de Deus, a pirâmide social está invertida, está de ponta-cabeça. O maior é o menor, o que tem mais preeminência é o servo de todos”.¹⁸

Ser o primeiro, ser o maior ou ser servido é a posição de alguém que possui um determinado poder. Esse era buscado pelos doze e por muitos, mas poucos sabem lidar com ele. Há seres humanos que são obcecados pelo poder e fazem de tudo

16 MATEOS; CAMACHO, 1998, p. 232.

17 Tal fato pode ser notado em Provérbios 16.18.

18 LOPES, 2012, p. 437.

para o conquistarem. Sacrificam as suas vidas, seus familiares e até a sua vida com Deus. O silêncio dos discípulos demonstra a dificuldade que eles estavam apresentando com os ensinamentos confrontadores do Mestre. O Todo-Poderoso Jesus estava sendo um exemplo de vida que serve¹⁹ ao próximo e, naquele momento em Cafarnaum, estava convidando aos seus discípulos a aprenderem tal atitude com Ele.

Nas relações humanas que ocorrem no mundo, ser o maior traz um sinal de importância. Essa importância é buscada pelo homem, de modo que escolhe, realiza e pratica coisas que podem levá-lo a chegar a uma posição de distinção especial, ou seja, em um lugar mais elevado que seus pares. No entanto, será que o Rei que estava relatando o auto sacrifício e que estava indicando a sua disposição em dar a sua vida em prol dos pecadores, concordaria com a intenção de seus discípulos de ser o maior segundo os padrões deste mundo? Jesus aprovaria a concepção hierárquica de posições segundo o contexto judaico daquele tempo?

De fato, Jesus tanto não concordaria quanto não aprovaria tal ação, antes conduziu os doze ao excelente caminho do serviço. Para o Mestre, a medição de honra terrena não está nos elementos com os quais o ser humano pode ser servido, mas a métrica da honra nos moldes celestiais está nas possibilidades do indivíduo servir ao próximo. Jesus, como servo, tinha toda a autoridade, de modo que ela podia ser notada no embate com as forças das trevas (Mc 5.1-14), nos imperativos de curas (Mc 1.29-31) e nos seus ensinamentos (Mc 3.20-30). No que diz respeito à autoridade das palavras proferidas pelo Mestre dos mestres, Ray Stedman acresce:

Aqueles que ouviram Jesus falar se encheram de admiração. Na verdade disseram: ‘Ele não ensina como os escribas e fariseus... fala com autoridade’.

19 Desde o Antigo Testamento até o Novo Testamento, Cristo é apresentado como o que serve. John McKENZIE faz uma expressiva análise sobre Jesus como servo em: MCKENZIE, J. L. Dicionário Bíblico. Traduzido por Álvaro Cunha... *et al.* São Paulo: Paulus, 1983, p. 793-796.

de e com poder. O que Ele nos diz perfura nossos corações como uma furadeira!’ Por que Jesus falava com tanta autoridade? Porque, como servo de Deus, Ele conhecia os segredos do Pai. Ele tornou os segredos manifestos aos seres humanos. A verdade em suas palavras nos faz parar e nos convence do nosso pecado e de nossa necessidade por Ele. Os escribas e fariseus precisavam reforçar suas palavras com referências as autoridades e citações de outros, mas não Cristo. Jesus nunca cita qualquer outra fonte a não ser a palavra de Deus. Ele fala com determinação e autoridade. Ele nunca arrisca uma mera opinião, jamais hesita ou se equivoca. Fala com a mesma autoridade que Aquele que certa vez disse: Haja luz, e o Universo veio a existir.²⁰

É com esta autoridade que Jesus inicia uma conversa com os doze e os interroga: “De que é que discorriéis pelo caminho? Esta pergunta é o caminho para os pilares dos relacionamentos discipulares. Não cabem no discipulado cristão²¹ raízes de autopromoção, engrandecimento, altivez, soberba, preeminência e distinção especial, antes deve haver princípios do serviço sagrado, a fim de que pessoas possam ver a Cristo por meio da vida discipular. Se por um lado o sinal de grandeza afasta; por outro, uma atitude de prontidão em servir, aproxima. De acordo com Stedman, “um servo sempre impacta as pessoas a quem serve. À medida que Jesus, o Servo, realizava Seu ministério, as pessoas lhe correspondiam”.²²

Aos doze e a todos os cristãos em todas as épocas foi dado o imperativo da Grande Comissão. Essa traz um grande senso de convivência e necessária harmonia no que tange às relações entre os discípulos. Esses estão inseridos no Reino de Deus. É vá-

20 STEDMAN, 1997, p. 37.

21 O discipulado cristão deve ser marcado pelo auto sacrifício do discipulador em prol do amadurecimento espiritual daquele que está sendo discipulado. Jesus foi a maior referência a este respeito. Uma boa análise sobre o discipulado existe em: ZULUAGA, D. A. B. Una lectura del Evangelio de Juan em clave de discipulado. Kenosis. Rionegro-Colombia, v.2, n.3, julio-diciembre/ 2014, p. 88-102.

22 STEDMAN, 1997, p. 38.

lido ressaltar, que o Reino de Cristo já estava presente no Antigo Testamento, mas teve uma visualização mais concreta com a chegada e missão de Jesus na plenitude dos tempos. Neste lugar de soberania real do Senhor, não cabem às projeções insanas e as grandezas terrenas, antes o servir voluntarioso e uma dedicada intenção de suprir a necessidade de irmãos e irmãs.

Em última análise, a pergunta contida em Marcos 9.33 é relevante e conduz os aprendizes de Cristo não a uma insignificante e superficial ação servil, mas a uma conduta relevante, substancial e robusta que assista, de fato, a necessidade do próximo. A interrogação de Jesus na perícopa de Marcos 9.33-37 indica que no Reino de Deus não há espaço para a projeção do eu, mas do nós; não existe abertura para a autopromoção, antes para o auto sacrifício. Desse modo, a indagação do Mestre orienta não apenas os doze como também os discípulos de Cristo de todas as épocas a um expressivo princípio: o primeiro no Reino de Deus é o servo de todos.

2. O PRIMEIRO NO REINO DE DEUS É O SERVO DE TODOS

Em Marcos²³ 9.35, Jesus está utilizando um paradoxo para chamar a atenção dos doze. O primeiro ou o maior na concepção humana seria o último ou o menor a partir dos valores celestiais. Aquele que é servido, para os valores terrenos, é o primeiro, já para os princípios do Reino, é o último.²⁴ Para Carlos Bravo Gallardo, os valores do Reino Celestial não cabem na lógica e

23 Quanto a este Evangelho, Erich Mauerhofer aponta que uma das ênfases de Marcos é apresentar Jesus sendo o servo de Deus que serve aos seres humanos. Ver mais sobre em: MAUERHOFER, Erich. Introdução aos Escritos do Novo Testamento. Traduzido por Werner Fuchs. São Paulo: Vida, 2010, p. 118.

24 É válido destacar que os paradoxos, ou seja, dois pensamentos que superficialmente parecem contradizer-se, mas que são verdades substanciais que caminham lado a lado, estão presentes nas Escrituras Sagradas. Para Anthony Hoekema, o mais importante quanto aos paradoxos contidos na Bíblia é o fato deles estarem harmonizados na "mente" de Deus. Ver mais sobre em: HOEKEMA, A. A. Salvos pela Graça. Traduzido por Wadislau Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 19-23.

concepções deste mundo terreno.²⁵

O Rei celestial utiliza um paradoxo para confrontar uma concepção terrena enraizada na mente dos doze. Estes contrasensos utilizados pelo Mestre conduziam a multidão e os discípulos a aprofundarem mais a reflexão sobre determinados assuntos cruciais à vida com Deus e com os seus próximos. No que diz respeito aos paradoxos contidos nas Escrituras Sagradas, Warren Wiersbe expõe:

Os paradoxos atraem a nossa atenção, desafiam a nossa fé, provocam-nos a ir mais fundo em nossa reflexão e a ser mais sábios em nosso questionamento. Eles nos levam a verdades que, se agirmos com base nelas, nos auxiliarão a deixarmos a nossa infância espiritual rumo às bênçãos da maturidade cristã.²⁶

Segundo Alfred North Whitehead, o paradoxo não é um desastre, mas uma oportunidade. O Rei do Reino, de fato, usava contrasensos, ou seja, atos ou ditos que indicam contrariedade à lógica.²⁷ Em Marcos 9.35, o Redentor está indicando que no Reino de Deus o primeiro ou o maior será o último ou o menor (aquele que serve). O Rei do Reino está ensinando que em seus domínios não há lugar para a projeção do eu, da grandeza pessoal ou para a distinção individual, antes existe um vasto espaço para a promoção do servir uns aos outros. Na visão do Salvador, o maior ou o primeiro é aquele que se dedica a suprir e receber a todos.

George Morrison chama a atenção quando aponta que o ser humano não vive por mistérios reconciliadores, antes por aqueles que não pode conciliar. Tendo em vista tal sentença, é válido ressaltar que, diante do paradoxo apresentado por Jesus, os doze notam uma aparente contradição irreconciliável à vi-

25 GALLARDO, 1996, p. 100.

26 WIERSBE, 2017, p. IX.

27 WHITEHEAD, 2006, p. 264.

são terrena.²⁸ No entanto, aprofundando-se²⁹ neste contrassenso acabam sendo atraídos e instigados a meditar em tal lição do Mestre. Esse traz um ensino que sobrepuja a lógica dos valores terrenos. À medida que os doze e os discípulos de todas as épocas meditam neste paradoxo apresentado em Marcos 9.35 são levados a uma extirpação de seus valores terrenos, sobretudo aqueles que dizem respeito à busca por ser servido.

O paradoxo em Marcos 9.35 estava sendo exposto tendo como pano de fundo a exposição de que o Pai celestial em atitude de graça não pouparia o seu próprio Filho para prover salvação. Apesar deste panorama, os doze apresentavam robusta incompreensão dos ensinamentos sobre o amor divino e sofrimento do Cordeiro de Deus. Para o Mestre, as ideias, raciocínios e aplicações de energia dos cristãos no que tange ao Reino de Deus não devem estar associadas às conquistas de posições em que é servido, antes com aquelas em que eles servem.

O Salvador vivia e se relacionava de uma maneira humilde e exemplar. Era o modelo de servo a ser seguido pelos doze e pelos discípulos de ontem e da contemporaneidade. Em Filipenses 2.7, o apóstolo Paulo destaca que Cristo assumiu a forma de servo. De fato, a referência de servo para toda a humanidade é a de Jesus. A Bíblia relata diversos personagens que podem ser considerados servos de Deus, como Abraão (Sl 105.42), Isaías (Is 20.3) e Paulo (Rm 1.1), mas nenhum deles serviu como o Cordeiro de Deus (Is 42.1-7). Quanto à atitude modelar do servir do Salvador, Wiersbe elucida:

Que preço Ele pagou para deixar de lado a sua glória celestial e descer a este mundo como um servo! Ele cresceu na casa de um trabalhador e foi chamado de o ‘carpinteiro’ (Mc 6.3). Sen-

28 MORRISON, 1913, p. 245.

29 De acordo com Warren Wiersbe, os paradoxos são “instrumentos maravilhosos”. O pensador destaca que os paradoxos aguçam a atenção e suscita curiosidade, de modo que à medida que se meditam neles, sempre pode ser aprendido algo novo. Ver mais sobre em: WIERSBE, W. W. A verdade de cabeça para baixo: sabedoria incomum nos paradoxos da Bíblia. Traduzido por José Fernando Cristófaló. Santo André: Geográfica, 2017, p. VII.

do totalmente humano, Cristo sabia bem o que significava estar exausto, faminto e sedento. Certa vez, Ele estava tão afatigado que adormeceu no barco em meio a uma grande tempestade que assustava os seus discípulos (Mt 8.23-24). Igualmente fatigante foi para o nosso Senhor ministrar às multidões que o seguiam dia a dia, de um lugar a outro, nas sinagogas e no templo. Jesus pregou as boas-novas da salvação, ensinou os princípios do Reino de Deus, curou os enfermos e aflitos, expulsou demônios e até mesmo ressuscitou os mortos. As pessoas o comprimiam, buscando apenas tocar as suas vestes e serem libertas. Dia após dia, seus inimigos o vigiavam atentamente, tramando contra Ele e planejando matá-LO. Por vezes, Ele passava a noite orando, mas sempre acordava bem cedo, ainda de madrugada, para encontrar-se com o seu Pai em oração.³⁰

26

O Eterno assentou-se e chamou os doze (Mc 9.35) para conhecerem um dos valores do Reino celestial: O primeiro no Reino de Deus é ser servo de todos. A grandeza nos padrões do mundo é ser servido, já para os parâmetros celestiais é o servir. No que tange a busca por grandeza dos doze, de maneira relevante, Kunz aponta que “o problema não era o fato de procurarem grandeza; o problema era o tipo de grandeza que eles estavam procurando”.³¹ Para Julius Schniewind, o indivíduo somente encontra a grandeza quando, de fato, a renuncia.³²

Jesus liderava por meio do serviço sagrado e os doze deveriam seguir o seu exemplo. Os aprendizes de Cristo seriam grandes líderes da Igreja e, portanto, precisavam se portar em conformidade com as ações do seu Senhor, ou seja, deveriam adotar uma liderança servidora. O princípio da liderança servidora ensina que mais bem-aventurado é dar que receber e o

30 WIERSBE, 2017, p. 92.

31 KUNZ, 2018, p. 174.

32 SCHNIEWIND, 1989, p. 135.

mais nobre é servir do que ser servido.³³ Sobre a necessidade de uma liderança servidora na contemporaneidade, Wiersbe aponta que “o paradoxo de nosso Senhor quanto a liderar pelo serviço é desesperadamente necessário em nossos dias”.³⁴

O paradoxo em Marcos 9.35 não indica que Jesus está levando os discípulos a um contexto de escravidão. Servir, segundo o Rei dos reis, é estar atento a falta do próximo e, assim, supri-la com todo o amor ensinado por Ele. A atitude do serviço sagrado não está associada a uma obrigação, antes a um ato voluntário de cuidado em relação ao ser humano. O discípulo de Cristo que decide ser servo não apresenta uma posição servil, antes um posicionamento espontâneo que supre a carência do necessitado.

Vale ressaltar, que nem sempre a provisão trazida por aquele que serve está em concordância com a aspiração daquele que é servido. Sobre isso, Pohl sinaliza que o discípulo que serve, de maneira verídica, proverá o que, de fato, é necessário. Tendo em vista a sentença de tal escritor, ser servo não é ser aplaudido nem por aquele que foi suprido nem pelo mundo, antes é prover o que, de modo objetivo, deve ser provisionado.³⁵ Quanto aos possíveis aplausos relativos ao servir, Lopes indica que “o que importa não é ser aplaudido pelo mundo, mas ser aprovado pelo céu. O que interessa não é ser grande aos olhos dos homens, mas ser grande aos olhos de Deus”.³⁶

Em Marcos 9.35, o Senhor está encorajando os doze a se portarem como quem escolhe dar em vez de receber e servir em vez de ser servido. Cristo é o supremo modelo de quem dá e de quem serve. Tanto para os doze quanto para os discípulos de todas as épocas, Jesus é a maior referência de um servo

33 É impressionante a forma de liderar de Jesus, sobretudo no que diz respeito à ação servidora cunhada por Ele. Sobre liderança servidora, há um relevante estudo em: SCHOLL, Helmut. Liderança Servidora: uma resposta à crise de liderança no século XXI. Revista Ensaios Teológicos, Ijuí-RS Vol 2, n1, Junho/2016, p. 112-130.

34 WIERSBE, 2017, p. 90.

35 POHL, 1998, p. 283.

36 LOPES, 2012, p. 438.

segundo os parâmetros celestiais. O Rei da glória dava sinais claros de humildade, serviço sagrado e disposição em suprir a necessidade do ser humano. Além disso, Jesus, de maneira clara, indicava não esperar nenhum tipo de retribuição no que diz respeito ao servir, antes o fazia como um gesto de sua natureza divina. Para Pohl, na perícópe de Marcos 9.33-37, o Salvador está ensinando aos doze que não devem servir esperando qualquer tipo de recompensa.³⁷

Por fim, em Marcos 9.35 o primeiro representa tanto os líderes quanto aqueles que possuem um *status* desejável em uma perspectiva terrena; os últimos equivalem aos sem privilégio e com uma posição não almejada segundo os padrões do mundo; e o servo é aquele que se devota a suprir, de forma genuína, as necessidades dos outros. Diante deste panorama, o Cordeiro de Deus está ensinando aos discípulos de todos os tempos que no Reino de Deus não há espaço para os raciocínios a partir das hierarquizações com alicerces terrenos, antes para os pensamentos e estabelecimentos do serviço sagrado como uma concreta e relevante liderança.

28

3. A CRIANÇA E OS VALORES DO REINO DE DEUS

Jesus, de maneira amável, toma uma criança³⁸ em seus braços e a utiliza para ratificar o ensino a respeito do servir no Reino de Deus. Esta atitude do Mestre chama a atenção dos doze por ser uma ação inimaginável no que tange à instrução sobre as hierarquias. Em Marcos 9.35, o Senhor dos senhores trouxe uma instrução sobre o Reino celestial na contramão do raciocínio deles. Em ato contínuo, o Soberano reforça tal lição em Marcos 9.36-37.

37 POHL, 1998, p. 283.

38 Para Pohl, o governo divino acaba com determinadas barreiras formadas pela lógica humana, sendo uma delas a barreira da idade. Sobre os rompimentos que o Reino de Deus proporciona, ver mais sobre em: POHL, 1998, p. 297.

O Rei da glória sabia da incompatibilidade entre os valores propostos pelo mundo e os princípios contidos no Reino celeste e, assim, enfatiza tal ensino aos doze. A criança naquele tempo³⁹ era tida como um alguém em quem se depositava ensino, mas em Marcos 9.36-37 ela é a referência indispensável à lição exposta pelo Mestre. Quanto a inserir uma criança em um ensino sobre o Reino de Deus, Kunz afirma:

Alguma coisa precisava ser feita para que os doze compreendessem a verdadeira natureza do Reino de Deus e como os membros deste Reino deveriam agir. Apenas palavras talvez não seriam suficientes para deixar marcada na vida dos discípulos a impressão do caráter que se esperava deles. A ação de Jesus, ao introduzir uma criança no meio deles é de um contraste tão evidente que não passou despercebido pelos doze.⁴⁰

Lopes indica que “naquele tempo, as crianças não recebiam atenção dos adultos”.⁴¹ De uma maneira diferente dos dias atuais, sobretudo no ocidente, grande número de crianças naquela época morriam. Houve tempos de morrerem aproximadamente um terço.⁴² Embora no Salmo 127.3 expõe-se que os filhos são herança do Senhor, a criança no tempo de Jesus representava algo de menor importância, de modo que não poderia esperar dela, sobretudo, até aos cinco anos de idade, nenhum retorno.

A criança em Marcos 9.36-37 retrata aquele que não é levado em consideração, que não possui voz no seu ambiente social e de pouca ou nenhuma relevância para a sociedade. Vale ressaltar, ainda, que a criança era alguém que recebia passiva e

39 A concepção que tinham das crianças naquela época passa pelas diferentes fases da vida delas. Sobre a forma como eram tratadas e perspectivas a respeito das crianças no tempo de Jesus, há uma significativa análise em: KUNZ, 2018, p. 165-171.

40 KUNZ, 2018, p. 159.

41 LOPES, 2012, p. 438.

42 No século em que Jesus habitou a Terra, isto é, o primeiro século, um terço dos nascidos não completavam seis anos de idade. Sobre as perspectivas de tempo de vida das crianças do primeiro século, há uma boa análise em: ALVARADO, Ruth. In: SEGURA, Harold; PEREIRA, Welinton (Orgs.). Para falar de criança: teologia, Bíblia e pastoral para a infância. Tradução de Flávio Conrado e Wagner Guimarães. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012, n. 24, p. 97.

unidirecionalmente o conhecimento dos adultos. No entanto, Jesus utiliza justamente uma figura que representava apenas um potencial aprendiz para ensinar um grande valor do Reino de Deus: o maior é o servo de todos.

Pohl elucida que a criança, na perícopa de Marcos 9.33-37, representa os excluídos, não percebidos e os que não são levados em consideração. Para Jesus, ser grande é ir ao encontro da necessidade do próximo e recebê-lo como se estivesse recebendo ao próprio Senhor. Ao utilizar uma criança que indica o de menor relevância na sociedade, a fim de ensinar sobre quem seria o primeiro, o Salvador está destacando que os valores do Reino de Deus estão na contramão dos valores deste mundo. O Rei do Reino se fez servo. O que possui mais preeminência serviu a todos.⁴³

O Mestre e Senhor viveu trazendo uma lição de humildade (Jo 13.1-15). O Rei dos reis é o Salvador. Esse é digno de ser recebido com festa, com louvor, com honra e com gratidão. O Cordeiro de Deus está ensinando aos seus discípulos a receberem os mais necessitados, os mais carentes, aqueles que não possuem voz na sociedade, os mais tenros e os que não poderiam oferecer nenhum retorno como se estivessem recebendo a Ele, ou seja, com o amor e reverência que devem ser dedicados ao Senhor dos senhores.

Enquanto os discípulos raciocinavam em um cenário de grandeza terrena para Jesus e para eles, o Mestre dos mestres apontava para uma entrega total e magnífica em favor da humanidade.⁴⁴ A criança utilizada pelo Soberano em Marcos 9.36-37 corresponde a uma ilustração robusta sobre a vultosa diferença entre a perspectiva do serviço sagrado praticado por Jesus e o panorama de desejos fundamentados em valores terrenos dos doze. De fato, a figura da criança é expressiva. Segundo Lopes, “as crianças são modelos em sua humilde dependência de ou-

43 POHL, 1998, p. 283.

44 LOPES, 2012, p. 473. Tal fato pode ser notado em Marcos 9.31.

tros, receptividade e aceitação da sua condição”.⁴⁵

Jesus, ao indicar que aquele que recebe uma criança está recebendo a Ele, está apontando que no Reino de Deus o seu discípulo deve viver tendo em vista o cuidado por aqueles que são os menores e os esquecidos pela sociedade. Além disso, devem tratá-los como se estivessem tratando a Ele. O Rei do Reino em Marcos 9.36-37 ensina aos doze que ao servir o necessitado eles estão desfrutando da própria presença do Mestre. Nesse sentido, os discípulos de Cristo deixam de lado as suas ambições terrenas e são os primeiros a se dispor em suprir e prover a falta daqueles que não são levados em consideração, uma vez que anseiam aproveitar a presença do seu Salvador. Sobre isso, Lopes acrescenta:

A ambição humana não vê outro sinal de grandeza senão coroas, *status*, riquezas e elevada posição na sociedade. Porém, o filho de Deus declara que o caminho para a grandeza e o reconhecimento divino é dedicar-se ao cuidado daqueles que são desprezados e esquecidos pela sociedade. Há um reconhecimento divino àqueles que investem na restauração daqueles que são marginalizados e abandonados pela sociedade. Esse trabalho pode passar despercebido pelos homens e pode até mesmo ser ridicularizado por alguns, mas será visto e recompensado por Deus.⁴⁶

A criança em Marcos 9.36-37 corresponde aos que não podem oferecer nenhuma retribuição, uma vez que eram vistas como as últimas e servas por conta de suas idades. Jesus está ensinando aos seus discípulos que o mais importante não é receber uma recompensa após servir alguém, mas é o privilégio criado por tal ação em poder servir a Deus. Receber é tratar bem, cuidar com carinho e, ainda, ser hospitaleiro. Este tratamento é realizado por aqueles que são os maiores em relação

45 Em Marcos 10.31, Jesus indica que as crianças são referências no que diz respeito a receber o Reino de Deus.

46 LOPES, 2012, p. 439.

aos menores. O Mestre está ensinando que a grandeza segundo este mundo é exercer poder sobre os menores, já a grandeza segundo Cristo é servir uns aos outros sem esperar qualquer tipo de compensação.

A ambição deste mundo aponta para o recebimento de honras e glórias, já o latente desejo do discípulo do Senhor é mergulhar nas necessidades dos menores e servi-los com o que está ao seu alcance, de modo que fazendo a estes últimos estará servindo ao Salvador da humanidade. Por isso, Jesus declara em Marcos 9.37: “Qualquer que receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, não recebe a mim, mas ao que me enviou”.

A criança colocada no meio dos doze não possui nem poder nem influência, antes representa aqueles sem motivo para atenção. Jesus tinha todo o poder, mas o utilizava em prol do cumprimento de sua missão. Isso era algo consideravelmente diferente da perspectiva de poderes indicada pelos doze. A figura contrastante da criança usada pelo Senhor realçou a atenção dos doze e, assim, puderam perceber que os seus valores estavam incompatíveis com o Reino. Esse faz parte de toda a vida discipular daquele que crê no Salvador. Para Kunz, “o Reino influencia o indivíduo, e a consequência natural é a sua influência sobre o mundo. Este novo conceito aumenta imensamente o valor do Reino”.⁴⁷

Os valores do Reino de Deus seguem em direção contrária aos princípios apontados pelo reino deste mundo. Esse indica que os maiores são servidos, já o Reino celestial assinala que os maiores são os que servem.⁴⁸ No reino terreno, a concepção de grandeza é exercer poder sobre os outros, usar os outros e ser servido pelos outros. No Reino de Deus, a ideia de

47 KUNZ, 2014.

48 Em João 13.1-17, Jesus, sendo o maior, lava os pés dos seus discípulos e os instrui tanto sobre o servir quanto sobre a humildade. Tal texto é compatível com o ensino do Mestre em Marcos 9.33-37.

grandeza é se entregar pelo próximo, ser empático para com a vida do próximo, colocar-se no lugar do próximo e servir ao próximo. Esses são valores envolvidos no paradoxo apresentado em Marcos 9.35.

No contexto da perícopes de Marcos 9.33-37, a criança está sendo indicada por Jesus como alguém importante de ser tratado. Tal fato divergia da ideia que muitos daquela época tinham a respeito das crianças. É válido ressaltar que até os discípulos demonstravam certa oposição a presença delas. Isso pode ser visto em Lucas 18.15: “Traziam-lhe também as crianças, para que as tocasse; e os discípulos, vendo, repreendiam”. Quanto às concepções divergentes dos doze, Lopes indica que os discípulos “revelaram seu preconceito contra as crianças e sua escala de valores desprovida de discernimento espiritual”.⁴⁹

Para uma expressiva e necessária lição aos seus discípulos sobre os valores do Reino de Deus, o Mestre dos mestres recorreu a uma figura menosprezada por eles, mas valorizada pelo Senhor dos senhores; tratada com indiferença por eles, contudo estimada pelo Rei do Reino. No que tange a admoestação feita em Marcos 9.33-37, Kunz, de forma relevante, aponta que o Senhor “a fez com extrema habilidade ao utilizar-se de uma criança numa ação parabólica”.⁵⁰

Em última análise, a criança é posta no meio dos doze para enfatizar tanto a humildade quanto o serviço sagrado. Além disso, a figura da criança enfatiza a espera da não gratificação pelo servir e ilustra a indispensável mudança de princípios por parte dos discípulos. Esses deveriam se render aos valores do Reino ensinados pelo Mestre. O Rei da glória e Senhor dos senhores é o modelo a ser seguido no que diz respeito ao servir sem esperar retribuições, haja vista nenhum indivíduo ser capaz de ressarcir a magnífica obra do Salvador em prol do ser humano.

49 LOPES, 2012, p. 470.

50 KUNZ, 2018, p. 157.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perícopes de Marcos 9.33-37 inicia com uma pergunta que convida os doze ao debate sobre quem seria o primeiro no Reino de Deus. A interrogação feita por Jesus (Mc 9.33) foi direta ao cerne de um desejo contrário aos valores do Reino celestial: ser o primeiro segundo os princípios deste mundo. O Senhor, de maneira habilidosa, ensina e direciona os seus aprendizes a autêntica natureza do Reino dos céus: o servir a todos. Para isso, utiliza um paradoxo que aguça a atenção dos discípulos: o primeiro ou o maior é servo de todos (Mc 9.35). Além disso, para ratificar a compreensão dos doze sobre os fundamentos verídicos do Reino de Deus, o Soberano usou uma criança que representava naquela época o último ou o menor (Mc 9.36-37). Em última análise, a lição do Mestre é clara, objetiva e elucidativa: no Reino de Deus, o mais preeminente é o que serve a todos.

34

REFERÊNCIAS

ALVARADO, Ruth. In: SEGURA, Harold; PEREIRA, Welinton (Orgs.). **Para falar de criança: teologia, Bíblia e pastoral para a infância.** Tradução de Flávio Conrado e Wagner Guimarães. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2012, n.24, p. 95-101.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo de Genebra.** 2.ed. Almeida Revista e atualizada. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

DEVER, Mark. **A mensagem do Novo Testamento: uma exposição teológica e homilética.** Traduzido por Lena Aranha. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

GALLARDO, C. B. **Galileia no ano 30: para ler o evangelho de Marcos.** Traduzido por Roberto Tápia Vidal. São Paulo: Paulinas, 1996.

HOEKEMA, A. A. **Salvos pela Graça**. Traduzido por Wadislau Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

KUNZ, Claiton André. **As ações parabólicas de Jesus no Evangelho de Marcos**. Curitiba: ADSantos, 2018.

KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: ADSantos, 2014.

LOPES, H. D. **Marcos: o evangelho dos milagres**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2012.

MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. **Marcos: texto e comentário**. São Paulo: Paulus, 1998.

MAUERHOFER, Erich. **Introdução aos escritos do Novo Testamento**. Traduzido por Werner Fuchs. São Paulo: Vida, 2010.

MCKENZIE, J. L. **Dicionário bíblico**. Traduzido por Álvaro Cunha... *et al.* São Paulo: Paulus, 1983.

MORRISON, G. H. **The Weaving of Glory**. Londres: Hodder and Stoughton, 1913.

POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos**. Traduzido por Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998.

SCHNIEWIND, Julius. **O Evangelho segundo São Marcos**. Traduzido por Ilson Kayser. São Bento do Sul: União Cristã, 1989.

SCHOLL, Helmuth. Liderança Servidora: uma resposta à crise de liderança no século XXI. **Revista Ensaios Teológicos**, Ijuí-RS Vol. 2, n.1, Junho/2016.

STEDMAN, R.C. **Aventurando-se através da Bíblia**. Traduzido por João Ricardo Morais. Curitiba: Publicações Pão Diário, 1997.

STRONG, James. **Nueva Concordancia Strong Exhaustiva de la Biblia**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

WHITEHEAD, A. N. **A ciência e o mundo moderno**. São Paulo: Paulus, 2006.

THIELMAN, Frank. **Teologia do Novo Testamento**: uma abordagem canônica e sintética. Traduzido por Rogério Portella; Helena Aranha. São Paulo: Shedd, 2007.

WIERSBE, W. W. **A verdade de cabeça para baixo**: sabedoria incomum nos paradoxos da Bíblia. Traduzido por José Fernando Cristófaló. Santo André: Geográfica, 2017.

ZULUAGA, D. A. B. Una lectura del Evangelio de Juan em clave de discipulado. **Kenosis**. Rionegro-Colombia, v.2, n.3, julio-diciembre/ 2014, p. 88-102.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons

Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional